

A contribuição dos grupos de pesquisa em jornalismo ambiental para o combate ao negacionismo no Brasil

The contribution of research groups in environmental journalism to combat denialism in Brazil

La contribución de los grupos de investigación en el periodismo ambiental para combatir el negacionismo en Brasil

Wilson Costa BUENO¹

Resumo

Os grupos de pesquisa em Jornalismo e Comunicação Ambiental têm prestado relevante contribuição para a consolidação dos conceitos e a qualificação da cobertura jornalística relativa ao meio ambiente, assim como para a formação de novos profissionais e pesquisadores nessa área. O artigo resgata e analisa os grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq que têm como foco o Jornalismo e a Comunicação Ambiental, promovendo a sua caracterização e, principalmente, identificando os focos temáticos que definem as suas linhas de pesquisa, a produção acadêmica e as atividades de seus líderes.

Palavras-chave: jornalismo ambiental; comunicação ambiental; grupos de pesquisa CNPq; negacionismo.

Abstract

The research groups in Environmental Journalism and Communication have made a relevant contribution to the consolidation of concepts and the qualification of journalistic coverage relating to the environment, as well as to the training of new professionals and researchers in this area. The paper rescues and analyzes the research groups registered in the CNPq Research Group Directory that focus on Journalism and Environmental Communication, promoting their characterization and, mainly, identifying the thematic focuses that define their lines of research, academic production and the activities of their leaders.

¹ Doutor em Comunicação e professor sênior da Escola de Comunicação e Arte da USP. E-mail. professor@comtexto.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0511-1159>.



Keywords: environmental journalism; environmental communication; CNPq research groups; denialism.

Resumen

Los grupos de investigación en Periodismo y Comunicación Ambiental han realizado una contribución relevante a la consolidación de conceptos y la cualificación de la cobertura periodística relacionada con el medio ambiente, así como a la formación de nuevos profesionales e investigadores en esta área. El artículo rescata y analiza los grupos de investigación registrados en el Directorio de Grupos de Investigación del CNPq con enfoque en Periodismo y Comunicación Ambiental, promoviendo su caracterización y, principalmente, identificando los enfoques temáticos que definen sus líneas de investigación, la producción académica y las actividades de sus líderes.

Palabras clave: periodismo ambiental; comunicación ambiental; grupos de investigación CNPq; negacionismo.

Introdução

A cobertura jornalística da temática ambiental tem crescido consideravelmente nos últimos anos, sobretudo pelo incremento do noticiário sobre o impacto das mudanças climáticas no meio ambiente, na saúde, na produção de alimentos e na própria sobrevivência das pessoas em todo o mundo.

É possível perceber, facilmente, as alterações ocorridas na estrutura das redações de veículos e de programas jornalísticos no rádio, televisão e meios digitais para ampliar o espaço e o tempo para esta cobertura e capacitar os profissionais que tratam dos temas ambientais. Editorias têm sido criadas ou ganhado reforço para responder, rápida e competentemente, às demandas de cobertura desta área, assim como tem se ampliado o número de veículos ambientais, em particular blogs, portais e perfis nas redes sociais digitais, sob a responsabilidade de jornalistas especializados nesta área. Ao mesmo tempo, em função das consequências dramáticas dos chamados eventos extremos, a atenção e o interesse dos cidadãos sobre temas ambientais têm crescido na mesma proporção.

No caso recente da tragédia provocada pelas enchentes no estado do Rio Grande do Sul, com impacto em centenas de municípios gaúchos, com a morte de quase duas centenas de pessoas e um prejuízo patrimonial incalculável, a imprensa nacional, pelo menos no primeiro mês da ocorrência do desastre climático, dedicou a maior parte do seu espaço e tempo para a cobertura do evento, com repercussão também a nível internacional. A esta cobertura se somou, no mesmo momento, outra cobertura



importante que tem como foco o número recorde de incêndios que, neste ano, tem devastado o pantanal e o cerrado brasileiro, com a destruição de milhares de quilômetros quadrados de vegetação e danos irreparáveis à fauna e à flora da região.

Este novo cenário, provocado pelo aquecimento global em grande escala e em reduzido espaço de tempo, tem contribuído para colocar a agenda ambiental na ordem do dia, de que resulta, como temos presenciado, um alerta para a necessidade urgente de um processo de governança global para prevenir e mitigar o impacto das mudanças climáticas.

Podemos admitir, no entanto, considerando-se a realidade da imprensa brasileira, caracterizada por um número expressivo de veículos de âmbito local (jornais, emissoras de rádio, blogs e portais), que a qualificação desta cobertura se concentra, quase sempre, nos meios de comunicação que se situam nas capitais ou nas maiores cidades e naqueles que são comandados por jornalistas especializados em meio ambiente e, efetivamente, comprometidos com a causa ambiental.

O objetivo deste artigo é avaliar a contribuição que os centros produtores de conhecimento em nosso país têm dado no sentido de capacitar novos profissionais e, especialmente novos estudiosos e pesquisadores, focados no ensino, na prática e na pesquisa em jornalismo e na comunicação ambiental.

Para tanto, dedicamos atenção especial ao esforço de pesquisa que contempla a temática ambiental e que tem sido realizado nos últimos anos pelas universidades, institutos de pesquisa, empresas de pesquisa e fundações, contemplando, em particular, a constituição de grupos de pesquisa e a atuação dos pesquisadores, sobretudo dos líderes que os integram. Buscamos, especialmente, relacionar o trabalho dos grupos de pesquisa com determinados focos temáticos, o que favorece a identificação dos pesquisadores (os líderes dos grupos em particular) com temas emergentes na área (mudanças climáticas, insegurança alimentar, educação ambiental, comunidades tradicionais, dentre outros).

Reconhecemos que os grupos de pesquisa, sob a liderança de estudiosos e investigadores de prestígio, atendem pelo menos a quatro objetivos essenciais: a) capacitar novos quadros para atuação no mercado profissional, acadêmico e científico; b) chamar a atenção para a necessidade de proteção para as populações vulneráveis, como indígenas, quilombolas e trabalhadores que contribuem para a manutenção da integridade dos nossos biomas; c) realizar projetos de investigação que possam trazer subsídios relevantes para elaboração de políticas públicas voltadas para a preservação



do meio ambiente, para reduzir a insegurança alimentar, para promover o desenvolvimento sustentável, dentre outros benefícios incontestáveis; d) contrapor-se ao movimento negacionista que produz e compartilha informações falsas e imprecisas sobre temas ambientais.

Nossa proposta está respaldada na constatação inegável de um fato: o surgimento de um número significativo de grupos de pesquisa que incluem a temática ambiental como foco de suas linhas de pesquisa têm, em função disso, realizado projetos de investigação, incrementado a produção científica, promovido eventos especializados e estimulado estudantes e docentes para o debate e a reflexão sobre temas relevantes que se reportam ao meio ambiente.

Uma consulta ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq a partir da palavra-chave meio ambiente, realizada em 20 de junho de 2024, permitiu resgatar 2.174 grupos que, de maneira direta ou indireta, estão associados a esta temática.² Como o objetivo da nossa pesquisa é contemplar os grupos de pesquisa em comunicação e jornalismo ambiental, valemo-nos de palavras-chave específicas, como explicitamos no item metodologia, para fazer este resgate junto ao Diretório do CNPq.

É importante ressaltar que a realização de projetos de pesquisa em comunicação e jornalismo ambiental não se restringe aos grupos de pesquisa formalmente constituídos, mas ocorre, também, pela atuação individual de pesquisadores (em suas principais entidades da área (Intercom, Abrapcorp, ALAIC, Compós, dentre outros). Uma consulta aos anais dos eventos realizados por estas entidades evidencia a importância da temática ambiental, intensamente contemplada em *papers* que relatam projetos de pesquisa executados ou em andamento por pesquisadores de todo o país.

Acertando os conceitos

As expressões “jornalismo ambiental” e “comunicação ambiental”, frequentemente utilizadas para categorizar o esforço de pesquisa, produção e divulgação de informações sobre meio ambiente, merecem a nossa análise porque,

² O Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq pode ser acessado pelo link: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Certamente, o número de grupos de pesquisa que atende à consulta pela palavra-chave meio ambiente varia ao longo do tempo e a tendência é de que ele naturalmente seja ampliado.



embora elas se tangenciem e incluam atributos comuns, há diferenças importantes entre elas do ponto de vista conceitual.

A Comunicação Ambiental é entendida como um campo de estudos, de pesquisa e de prática profissional mais abrangente e que diz respeito a todos os processos e fluxos que estão associados à circulação de informações sobre meio ambiente, estejam eles associados aos meios de comunicação ou não. Assim, a cobertura jornalística de meio ambiente está contemplada como uma das alternativas da comunicação ambiental, mas também pertencem a ela as narrativas de empresas e instituições com respeito à sua adesão aos princípios ESG³, bem como os documentos que definem as políticas públicas que se reportam à questão ambiental, a comunicação que tem como foco a promoção da sustentabilidade, da ética ambiental e que visa garantir o protagonismo das comunidades tradicionais e sua relação com a proteção ambiental, dentre muitas outras.

Holanda, Kääpä e Costa (2022), ao contemplarem a comunicação como área de pesquisa, citam Pezzullo (2017) que identifica até 7 campos que a caracterizam, dentre os quais aquele que analisa como as instituições e redes lidam com as questões ambientais (o *greenwashing*⁴ e o marketing ambiental estão incluídos nesse campo), o que se reporta a estudos que tratam da relação entre ciência ambiental e saúde e outros com atenção para aspectos prioritariamente sociais, econômicos e políticos. Neste caso, podemos incluir a comunicação política, parlamentares por exemplo, e as decisões do Congresso que dizem respeito ao meio ambiente; a comunicação de (e) entre os representantes das comunidades tradicionais e a comunicação (estudos e pesquisas) que relacionam o meio ambiente e a economia, como, por exemplo, as que defendem a chamada economia verde.

O Jornalismo Ambiental, por seu turno, tem sua especificidade, na medida em que está estritamente vinculado ao processo de divulgação de informações e/ou conhecimentos ambientais que obedece aos princípios da produção jornalística e que, portanto, se realiza a partir dos canais e veículos de caráter jornalístico. Na maioria dos casos, os produtores de jornalismo ambiental são os profissionais que exercem a atividade jornalística (os jornalistas).

³ ESG é a sigla em inglês para Environmental, Social and Governance, que em português significa Ambiental, Social e Governança (Nota da Editora).

⁴ Greenwashing, ou "maquiagem verde" em português, é uma estratégia de marketing que consiste em divulgar falsas informações sobre a sustentabilidade de um produto ou serviço (Nota da Editora).



O estudo e a pesquisa em Jornalismo Ambiental têm privilegiado, prioritariamente, a análise da cobertura ambiental voltada para fatos relevantes, em particular, acidentes ou crimes ambientais, como os ocorridos em Brumadinho, Mariana, com a responsabilidade da Vale, ou Alagoas (caso Braskem) ou eventos extremos, como avalanches, incêndios florestais, o desmatamento e a contaminação de recursos hídricos, como a decorrente da ação do garimpo ilegal que, inclusive, tem provocado ameaças e mortes a comunidades indígenas, como os Yanomami. Esta atividade ilícita e criminosa vitimou profissionais que defendiam a causa indígena (caso do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista brasileiro Bruno Pereira, no Pará), com repercussão significativa no Brasil e no exterior.

Algumas críticas endereçadas à cobertura ambiental realizada pelos jornalistas brasileiros dizem respeito exatamente ao fato de que a imprensa se volta para as questões ambientais apenas quando acontecem situações extremas: desastres ou tragédias e mesmo com a ocorrência de crimes motivados por questões ambientais, como os que tiveram como alvo personagens identificados com a proteção ambiental, como Chico Mendes, a missionária católica Dorothy Stang e Bruno Pereira, já citado.

Levando em conta estas diferenças de ordem conceitual, decidimos, no regaste dos grupos de pesquisa junto ao Diretório do CNPq, utilizar as duas expressões como palavras-chave, de forma a garantir a inclusão dos investigadores que estão identificados com cada uma delas.

A pesquisa em Jornalismo Ambiental

Alguns autores brasileiros têm dedicado atenção à pesquisa em Jornalismo Ambiental, com foco sobretudo nas dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação em Comunicação. Na prática, estes trabalhos acadêmicos de mestrado e doutorado concentram, efetivamente, a maioria das investigações empreendidas em nosso país para caracterizar esta temática e, portanto, justificam essa atenção especial.

Podemos destacar aqui dois estudos que tratam da pesquisa em jornalismo ambiental e que, de alguma forma, se aproximam e se complementam, exatamente porque tiveram como objeto a análise de dissertações e teses com foco em meio ambiente.

O primeiro deles, de autoria de Girardi, Loose e Camana (2015), resgata e analisa as dissertações e teses cadastradas no Banco de Teses da Capes, no período de 1987 a 2010, que correspondem a 101 publicações. As autoras avaliaram estes trabalhos



a partir de seus resumos e, portanto, elas mesmas reconhecem a dificuldade de uma análise mais detalhada, visto que eles “não apontam todos os elementos centrais ao trabalho (paradigma teórico, objeto, tema, método), o que tornou difícil a identificação de certos quesitos analisados (Girardi, Loose e Camana, 2015, p. 380). Mesmo assim, as pesquisadoras chegaram a importantes conclusões, dentre as quais podemos destacar quatro delas. Elas nos permitem estabelecer relações com o levantamento e análise realizada dos grupos de pesquisa em Jornalismo Ambiental, descrita neste texto.

Segundo elas, a produção das pesquisas sobre meio ambiente concentrava-se na região Sudeste e a maioria dos pesquisadores se situava na região Sul e Sudeste do Brasil, que representavam mais de 70% das dissertações e teses constantes do cadastro.

As pesquisas que analisavam a cobertura de meio ambiente pelos veículos jornalísticos tinham como objeto, prioritariamente, os jornais e revistas e, por isso, as autoras do estudo chamaram a atenção para a necessidade de expandi-las para o rádio e a televisão em função de sua maior audiência e, inclusive para a web, que se caracteriza, segundo elas, pela “quase ausência” no que diz respeito ao espaço para difusão de informações ambientais.

As pesquisadoras também concluíram que

análises sob o olhar da produção e da circulação continuam escassas. Sugerimos o incremento nos estudos de recepção, que permanecem afastados das temáticas ambientais, poderão trazer respostas a muitas dúvidas que pairam sobre a relação da informação com a mudança de comportamento do receptor no sentido de adotar atitudes mais ecologicamente corretas. (Girardi, Loose e Camana, 2015, p. 381)

As autoras enquadraram os enfoques dos trabalhos em 3 categorias, assim descritas, conforme citado abaixo, e concluíram que a primeira delas predomina com grande destaque. A cobertura da mídia impressa (jornais e revistas) constituiu, portanto, o objeto principal para 78% das pesquisas.

(1) produto jornalístico (que engloba qualquer tipo de análise feita a partir de notícias, reportagens ou outros textos produzidos por jornalistas nos diferentes veículos de comunicação – TV, revistas, jornais, rádio e internet), (2) processo jornalístico (relacionado aos estudos das rotinas produtivas, ao relacionamento entre fontes e jornalistas, às percepções dos produtores da notícia, etc.) e (3) recepção (atrelada ao que diferentes públicos percebem a partir do material jornalístico). (Girardi, Loose e Camana, 2015, p. 371-372)



As mesmas autoras identificaram, também, os principais temas que caracterizam a análise realizada junto à cobertura ambiental, constatando que eles incluíam um número formidável de assuntos, com destaque, na ordem, para Sustentabilidade, Amazônia, Natureza/Preservação, Mudanças climáticas/Aquecimento global, Transgênicos.

O outro estudo, de autoria de Gomes e Santos (2023), procedeu a análise das 35 teses voltadas para a questão ambiental, defendidas entre 2010 e 2019, nos programas de pós-graduação em Comunicação do Brasil, valendo-se como aporte teórico metodológico da técnica de análise de conteúdo⁵.

Algumas conclusões deste estudo confirmam os resultados encontrados no anterior. Por exemplo, as dissertações e teses com temática ambiental estão concentradas nas regiões Sudeste e Sul, respectivamente, com 28,58% e 42,86%. Segundo as autoras, isso tem a ver com o maior número de programas de pós-graduação que estão localizados nessas regiões.

O estudo constatou a prevalência dos seguintes temas associados aos trabalhos defendidos, pela ordem de importância: Meio ambiente e Mídia; Mudanças Climáticas e Mídia, Sustentabilidade, Ambiente e Ativismo, com ampla vantagem dos dois primeiros (80% do total). Na prática, fica difícil comparar as temáticas abordadas pelas dissertações e teses que constavam dos dois estudos porque elas utilizaram categorias distintas para caracterizá-las, mas é importante perceber a presença expressiva da temática mudanças climáticas.

Os grupos de pesquisa em Jornalismo Ambiental: metodologia

O levantamento dos grupos de pesquisa em Comunicação e Jornalismo Ambiental foi realizado junto ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq⁶ com a utilização das seguintes palavras-chave: Jornalismo Ambiental; Comunicação Ambiental; Jornalismo e Meio Ambiente e Comunicação e Meio Ambiente.

A busca neste Diretório resgatou um total de 37 grupos de pesquisa, distribuídos por várias áreas de conhecimento, com a prevalência significativa da área de Comunicação (19 grupos, representando 51,36% do total).

⁵ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023

⁶ O Diretório está disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em 10 jun. 2024



Decidimos constituir o universo da nossa pesquisa apenas com os grupos incluídos na área predominante de Comunicação e, além disso, optamos por considerar apenas aqueles que foram fundados até 2020. Essa escolha se justifica porque grupos formados recentemente, com menos de três anos de existência, por exemplo, ainda não estão devidamente solidificados. A partir destes critérios, o universo da pesquisa passou a ser integrado por 17 grupos de pesquisa.

Como o objetivo da pesquisa era identificar e caracterizar os grupos de pesquisa nessa área, com atenção à sua contribuição para a formação de novos pesquisadores e profissionais e para combater o “negacionismo climático” dedicamo-nos a caracterizar o perfil destes grupos (seu vínculo institucional, data de sua fundação, linhas de pesquisa) bem como a produção acadêmica e algumas atividades dos líderes dos grupos. Identificamos também os focos temáticos das linhas de pesquisa dos grupos e da produção e das atividades dos seus líderes. Para tanto, definimos o período de 2015 até primeira metade de 2023 para a coleta dos dados. Ela foi realizada a partir da leitura e análise dos currículos Lattes dos líderes.

Para o levantamento e análise dos focos temáticos dos grupos como um todo, resgatamos as linhas de pesquisa desses grupos, de modo a identificar, primeiramente, as que diziam respeito à temática ambiental para, posteriormente, explicitar os subtemas de jornalismo/comunicação ambiental associados a elas.

Para o levantamento dos subtemas ambientais que se vinculam à produção e às atividades dos líderes dos grupos, consideramos, respectivamente, a sua produção acadêmica (autoria ou organização de livros e e-books, capítulos de livros e e-books, artigos em revistas acadêmicas), e os focos de seus projetos de pesquisa (concluídos e em andamento) e das dissertações e teses por eles orientadas.

Os focos temáticos da produção e das atividades dos líderes que se reportam à comunicação e ao jornalismo ambiental foram divididos em 8 subtemas, a saber:

- a) Jornalismo Ambiental e Comunicação Ambiental
- b) Mudanças climáticas
- c) Educação Ambiental
- d) Crimes e conflitos ou acidentes ambientais
- e) Comunidades tradicionais
- f) Agrotóxicos/Transgênicos/insegurança alimentar
- g) Ética e Sustentabilidade Ambiental
- h) Outros



Incluímos, no primeiro subtema, bastante abrangente, os itens de produção e as atividades que têm como foco a apresentação e a análise do ensino, a pesquisa e a prática do jornalismo e da comunicação ambiental (tendências, desafios, lacunas e virtudes), e, também, o objeto prioritário da produção que se concentra na análise da cobertura jornalística, a partir do relato de inúmeros casos de âmbito local, regional ou nacional.

O universo da pesquisa: os grupos analisados

Os 17 grupos que foram objeto da nossa análise estão identificados a seguir, com algumas informações básicas relativas a cada um deles (denominação, ano de fundação, localização geográfica (região e Estado), vínculo institucional, nomes dos líderes.

1) Amajor - Meio Ambiente e Jornalismo na Amazônia

- Vínculo institucional: Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Acre (UFAC)
- Ano de fundação: 2007
- Líderes do grupo: Maurício Pimentel Homem de Bittencourt e Fabiana Nogueira Chaves

2) Comunicação Comunitária e Cidadania

- Vínculo institucional: Departamento de Jornalismo da Universidade de Brasília (UnB)
- Ano de fundação: 2009
- Líder do grupo: Fernando Oliveira Paulino

3) Comunicação, Cultura e Amazônia

- Vínculo institucional: Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
- Ano de fundação: 2011
- Líderes: Allan Soljenitsin Barreto Rodrigues e Cristiane de Lima Barbosa

4) Comunicação, Sociedade e Meio Ambiente

- Vínculo institucional: Universidade Federal do Tocantins (UFT)



- Ano de fundação: 2017
 - Líderes: Marluce Evangelista Carvalho Zacriotti e Valquíria Guimarães da Silva
- 5) Corpoética
- Vínculo institucional: Universidade Estadual da Bahia (UNEB)
 - Ano de fundação: 2014
 - Líderes: João José de Santana Borges e Iva Autina Cavalcante Lima
- 6) CuCA - Cultura, Comunicação e Educação Ambiental na Chapada Diamantina
- Vínculo institucional: Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
 - Ano de fundação: 2015
 - Líderes: Gislene Moreira Gomes e Vinicius Navarro Morende
- 7) Ecosofias, Paisagens Inventivas
- Vínculo institucional: Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES)
 - Ano de fundação: 2006
 - Líder: Jane Márcia Mazzarino
- 8) Jornalismo, Educomunicação e Cidadania (Educom.JOR)
- Vínculo institucional: Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat)
 - Ano de fundação: 2017
 - Líderes: Antonia Alves Pereira e Rosana Alves de Oliveira
- 9) GESJOR - Grupo de Estudos Semióticos em Jornalismo
- Vínculo institucional: Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
 - Ano de fundação: 2009
 - Líderes: Aparecida Luzia Alzira Zuin e Larissa Zuim Matarésio
- 10) O Jornalismo na Comunicação Organizacional - JORCOM
- Vínculo institucional: Departamento de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo (USP)



- Ano de fundação: 2019
 - Líder: Wilson da Costa Bueno
- 11) Jornalismo Ambiental
- Vínculo institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Departamento de Comunicação
 - Ano de fundação: 2008
 - Líderes: Ilza Maria Tourinho Girardi e Eloisa Beling Loose
- 12) Laboratório Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (LICA)
- Vínculo institucional: Universidade Federal de Sergipe (UFS)
 - Ano de fundação: 2009
 - Líderes: Jean Fábio Borba Cerqueira e Michele Amorim Becker
- 13) Mecom. Mediações educomunicativas
- Vínculo institucional: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP)
 - Ano de fundação: 2014
 - Líder Adilson Odair Citelli
- 14) Mídia, conhecimento e meio ambiente: olhares da Amazônia
- Vínculo institucional: Universidade Federal de Roraima (UFRR)
 - Ano de fundação: 2014
 - Líder: Simão Farias Almeida
- 15) Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem
- Vínculo institucional: Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG)
 - Ano de fundação: 2002
 - Líderes: Lisbeth Oliveira e Ana Rita Vidica
- 16) Preserv-Ação: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Ciência e Meio Ambiente



- Vínculo institucional: Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA)
- Ano de fundação: 2007
- Líderes: Luciana Miranda Costa e Bruno Monte de Assis

17) SIGMO: Significação da Marca, Informação e Comunicação Organizacional

- Vínculo institucional: Departamento de Expressão Gráfica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Ano de fundação: 2011
- Líderes: Richard Perassi Luiz de Sousa e Luciano Patrício Souza de Castro.

Os principais resultados e análise

a) A caracterização dos grupos de pesquisa

A maioria dos grupos de pesquisa analisados (94,12% do total) está vinculada a universidades públicas (16 deles, sendo 11 federais e uma estadual) e um deles pertence a uma universidade privada. Eles estão distribuídos pelas várias regiões do país: Sul: 3 grupos; Sudeste: 2 grupos; Centro-Oeste: 4 grupos; Nordeste: 3 grupos; Norte 5 grupos. Os Estados com maior número de grupos são RS, SP e BA, com 2 grupos cada. Os demais (SC, MT, TO, GO, SE, AM, PA, RR, RO, AC) e o DF têm apenas um grupo constituído.

A maioria dos grupos foi fundada depois de 2010 (52,94%), sendo que todos eles no século XXI. O grupo de pesquisa mais antigo é o Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem, certificado pela Universidade Federal de Goiás, em 2002 e o mais jovem, criado em 2019, é o Jorcom – O Jornalismo na Comunicação Organizacional, certificado pela ECA/USP.

Os 17 grupos reúnem no total 192 pesquisadores (média de 11,29 por grupo); 153 estudantes (média de 9,0 por grupo e 10 técnicos (média de 0,58 por grupo). As mulheres (118) predominam entre os pesquisadores (61,46% do total) contra 74 homens (38,54% do total).

Os 17 grupos têm um total de 29 líderes, sendo que 12 grupos contam com 2 líderes e os outros 5 com apenas um. O número de mulheres que atuam como líderes dos grupos é ligeiramente maior do que o de homens nesta mesma condição (15 contra 14).



b) Os subtemas ambientais como foco dos grupos

A identificação e categorização dos focos temáticos dos grupos como um todo no que diz respeito à temática ambiental foram realizadas a partir das linhas de pesquisas que os grupos definem como seu objeto de pesquisa. Buscamos, essencialmente, identificar as linhas que têm como foco o jornalismo ambiental e, em seguida, a que subtemas elas, prioritariamente, se reportavam.

Para identificar este vínculo, levamos em conta a denominação das linhas de pesquisa desenvolvidas pelos grupos, mas é preciso deixar claro que isso não significa que um grupo, cujas linhas de pesquisa não se identificam com a temática ambiental, não possa tratar de alguns de seus subtemas. Em alguns casos, é possível perceber esta relação com a temática ambiental pela descrição ou “repercussões do grupo”, item obrigatório do formulário reservado pelo CNPq para a apresentação dos grupos de pesquisa.

É importante destacar algumas situações. O grupo “Jornalismo Ambiental” não tem “jornalismo ambiental ou comunicação ambiental” como expressões nas suas linhas de pesquisa e nem explicita este vínculo nas repercussões do grupo, mas é o único que tem, na sua denominação, indicação específica desta temática. Também é, como poderemos ver, na produção acadêmica e nas atividades dos seus líderes, o que mais se dedica a esta temática. Outros grupos, como Ecosofias, Comunicação Comunitária e Cidadania e Comunicação, Sociedade e Meio Ambiente, também incluem o vínculo com o meio ambiente na denominação das suas linhas de pesquisa.

Vale a pena registrar, ainda, que o Diretório dos Grupos de Pesquisa é bastante flexível na recuperação dos grupos de pesquisa a partir de palavras-chave. Assim, o grupo Mecom, que não tem esta área mencionada em sua denominação, nem nas suas linhas de pesquisa, e nas “repercussões do grupo” foi resgatado a partir das palavras-chave utilizadas, talvez porque o líder do grupo tenha um ou mais itens de produção associados a esta temática.

Os 17 grupos de pesquisa reúnem, no total, 51 linhas de pesquisa, uma média de 3 por grupo, mas este número varia significativamente. Assim, há grupos com 5 linhas de pesquisa e outros com apenas uma. Do total de linhas de pesquisa dos grupos, 25 (49,01% do total) têm vínculo direto e explícito com o Jornalismo e/ou a Comunicação Ambiental. Na prática, 14 grupos (82,35% do total) apresentam linhas de pesquisa cuja denominação explicita claramente o vínculo com a temática ambiental e há outros grupos 3 (17,65%) que não cumprem esta condição.



O número de linhas de pesquisa, com foco na área ambiental, considerando-se os diversos subtemas, está assim distribuído: a) Jornalismo Ambiental e Comunicação Ambiental: 15 linhas (60,00%); Acidentes, conflitos ou crimes ambientais: 1 linha (4%); Educomunicação ou Educação Ambiental: 8 linhas (36,00%).

É importante destacar os 2 grupos de pesquisa – Jornalismo Ambiental e Ecosofias –, que têm maior identificação com a área ambiental, consolidada pela produção acadêmica e pelas atividades dos seus líderes.

O grupo de pesquisa Jornalismo Ambiental, que tem como líderes Ilza Maria Tourinho Girardi e Eloisa Beling Loose, apresenta significativa produção e desenvolvimento de atividades pelas suas líderes com foco na temática ambiental. Dos 13 projetos de pesquisa desenvolvidos ou em desenvolvimento por elas no período sob análise, 11 referiam-se explicitamente à temática ambiental; da sua produção acadêmica (95 publicações, dentre e-books ou livros, capítulos de e-books ou livros e artigos em revistas acadêmicas), 93 (97,89% do total) obedeciam a esta condição. Além disso, das 15 dissertações e teses orientadas, 13 (86,66% do total) tinham como temática predominante o meio ambiente.

O grupo de pesquisa Ecosofias, que tem como líder Jane Márcia Mazzarino, desenvolveu ou ainda desenvolve 7 projetos de pesquisa, todos eles na área ambiental; sua produção acadêmica (100 publicações, dentre e-books ou livros, capítulos de e-books ou livros e artigos em revistas acadêmicas), 57 (57%) tratavam de temas ambientais. Além disso das 22 dissertações e teses orientadas, 20 (86,95% do total) abordavam temas ambientais. Diferentemente do grupo Jornalismo Ambiental, no entanto, Ecosofias não trata com prioridade do Jornalismo Ambiental, mas se reporta, fundamentalmente, a uma perspectiva mais abrangente, identificada com a Comunicação Ambiental.

É indispensável deixar registrado que os grupos de pesquisa em comunicação reúnem investigadores com interesses diversos e linhas de pesquisa que, necessariamente, não se restringem a uma temática, o que repercute na produção e nas atividades desenvolvidas por seus líderes. Isso também acontece com os grupos de pesquisa em Jornalismo Ambiental, resgatados junto ao Diretório do CNPq, de tal forma que, em muitos casos, as linhas de pesquisa e a produção dos líderes estão concentradas em outros temas e não, necessariamente, no jornalismo e na comunicação ambiental.



c) O foco temático da produção e das atividades dos líderes

A análise do foco em temas ambientais dos líderes levou em conta duas modalidades: a) sua produção acadêmica, resgatada a partir de 3 indicadores: número de livros e e-books de sua autoria individual ou organizados, número de capítulos de livros e e-books e número de artigos publicados em revistas acadêmicas; b) as atividades desenvolvidas pelos líderes, especificamente os projetos de pesquisas concluídos e em andamento e as dissertações e teses orientadas. Buscamos, principalmente, identificar nesta produção e nestas atividades o vínculo com a temática ambiental, assumindo como categorias de análise os 8 subtemas explicitados na descrição do nosso percurso metodológico.

Consideramos, para o levantamento relativo à produção e atividades dos líderes, o período de 2015 ao primeiro semestre de 2023.

c.1) Produção acadêmica dos líderes

- Número de livros e e-books de autoria individual ou organizados

Os 29 líderes publicaram no total, no período analisado, 151 livros ou e-books, de autoria individual ou organizados, dos quais 43 (28,47%) com foco em comunicação ou jornalismo ambiental. Essas publicações foram distribuídas pelos seguintes focos ou subtemas ambientais:

Jornalismo e Comunicação Ambiental: 16

Mudanças climáticas: 7

Crimes ou conflitos e acidentes ambientais: 7

Comunidades tradicionais: 3

Ética e sustentabilidade ambiental: 1

Outros: 9

- Número de capítulos em livros e e-books

Os líderes dos grupos publicaram, no total, 232 capítulos em livros e e-books, dos quais 117 (50,43%) com foco na área ambiental. Estes capítulos estão distribuídos pelos seguintes subtemas:

Jornalismo e Comunicação Ambiental: 37

Mudanças climáticas: 20

Educação ambiental/Comunicação e Educação Ambiental: 10

Crimes e conflitos ou acidentes ambientais: 9



Comunidades tradicionais: 9

Agrotóxicos/transgênicos/insegurança alimentar: 6

Ética e sustentabilidade ambiental: 3

Outros: 23

- Número de artigos em revistas acadêmicas

Os líderes dos grupos publicaram 221 artigos em revistas acadêmicas, dos quais 163 (73,75%) com temas ambientais. Os artigos foram distribuídos pelos seguintes subtemas ambientais:

Jornalismo e Comunicação Ambiental: 63

Mudanças climáticas: 23

Educação ambiental/ Comunicação e Educação Ambiental: 23

Crimes, acidentes e conflitos ambientais: 8

Comunidades tradicionais: 4

Agrotóxicos/Transgênicos/Insegurança alimentar: 8

Ética e sustentabilidade ambiental: 1

Outros: 33

Como se pode depreender, a partir destes indicadores de produção, os subtemas prioritários são, pela ordem, Comunicação Ambiental e Jornalismo Ambiental (56,86% do total); Mudanças climáticas (8,27% do total) e Educação Ambiental/Comunicação e Educação Ambiental (5,46%). Estes três subtemas respondem por mais de 70% da produção dos líderes dos grupos de pesquisa.

É interessante perceber que os dois subtemas que predominam na produção e nas atividades dos líderes dos grupos também foram destacados nos estudos citados sobre pesquisa em jornalismo ambiental. No caso das mudanças climáticas, é razoável imaginar que este tema terá cada vez mais importância no esforço de pesquisa dos grupos nesta área porque está na ordem do dia e ocupa, de maneira intensa, a pauta dos meios de comunicação tradicionais e das mídias sociais.

c.2) Atividades dos líderes dos grupos

- Projetos de pesquisa concluídos ou em andamento



Os líderes dos grupos desenvolveram 158 projetos de pesquisa no período analisado, sejam eles concluídos ou em andamento, dos quais 44 (27,85%) com foco na temática ambiental. Estes projetos foram distribuídos pelos seguintes subtemas ambientais:

Jornalismo Ambiental e Comunicação Ambiental: 20

Mudanças climáticas: 5

Educação ambiental/ Comunicação e educação ambiental: 6

Crimes e conflitos ou acidentes ambientais: 7

Comunidades tradicionais: 1

Agrotóxicos/Transgênicos/ Insegurança alimentar: 2

Outros: 3

- Orientação de dissertações e teses

Os líderes dos grupos orientaram 106 dissertações, das quais 27 (25,47%) com foco em temas ambientais.

As dissertações orientadas tiveram como foco os seguintes subtemas:

Jornalismo Ambiental e Comunicação Ambiental: 11

Educação Ambiental/ Comunicação e educação ambiental: 6

Crimes e conflitos ou acidentes ambientais: 1

Comunidades tradicionais: 3

Agrotóxicos/Transgênicos/Insegurança Alimentar: 2

Outros: 4

Eles orientaram, ainda, 53 teses, das quais 21 (39,62%) voltadas para temas ambientais. As teses se distribuíram pelos seguintes subtemas ambientais:

Jornalismo Ambiental e Comunicação Ambiental: 4

Mudanças climáticas: 2

Educação ambiental/ Comunicação e Educação ambiental: 9

Crimes e conflitos ou acidentes ambientais: 1

Agrotóxicos/Transgênicos/Insegurança alimentar: 2

Outros: 3



Observação importante: A produção e as atividades dos líderes dos grupos foram assumidas como incluídas na área de comunicação ou jornalismo ambiental quando essa condição era explicitamente indicada na medida em que se referiam a temas recorrentes da área (mudanças climáticas, temas vinculados à bio e sociodiversidade (comunidades tradicionais), Amazônia, desastres naturais e seus impactos (queda de barragens), insegurança alimentar (agrotóxicos e transgênicos), dentre outros.

Pesquisa e ativismo ambiental

Uma constatação importante, a partir da observação e análise do perfil dos líderes dos grupos de pesquisa, é o seu comprometimento com a causa ambiental. A maioria deles, em sua produção acadêmica e nas atividades por eles desenvolvidas, aqui citadas, como a realização de projetos de pesquisa e orientação de dissertações e teses, incorpora à sua competência técnico-científica uma perspectiva crítica em relação às questões ambientais. Eles não se limitam a identificar e a descrever os fatores associados aos fatos e eventos que penalizam o meio ambiente, mas buscam sempre definir as responsabilidades por sua ocorrência, o que os leva a indicar a sua omissão e a incompetência dos agentes envolvidos, bem como a cumplicidade de governantes e de entidades com a ação deletéria de companhias globais, de grupos políticos e empresariais que se beneficiam de ações prejudiciais ao meio ambiente. Da mesma forma, empenham-se em apresentar soluções para a superação destes problemas, fugindo à postura, ainda predominante na cobertura jornalística, que se resume a relatá-los, muitas vezes de maneira sensacionalista.

Para referendar esta afirmação, podemos, por exemplo, resgatar a contribuição das líderes do grupo de pesquisa Jornalismo Ambiental, já destacado aqui anteriormente, pelo fato de concentrarem sua atenção, quase que exclusivamente, à temática ambiental. Além de sua produção acadêmica e de suas atividades serem caracterizadas por esta perspectiva crítica, Ilza Girardi e Eloisa Loose frequentam e, inclusive, criam, com regularidade, espaços para o debate da temática ambiental, em sua dimensão técnica, política, econômica e social. Elas participam ativamente de eventos acadêmicos e profissionais, atuam como fontes nos meios de comunicação e publicam notícias sobre temas ambientais nas mídias digitais, como portais, blogs, podcasts, vídeos, dentre outros.



O grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental, que comemora em 2024, 15 anos de fundação, se destaca também pela qualidade e diversidade de atividades desenvolvidas, pela manutenção de canais próprios de divulgação, como portal e perfis nas mídias sociais (Instagram, Facebook) e realização de projetos em parceria com instituições internacionais. Como indicado em sua página na web (<https://jornalismoemeioambiente.com/>), o grupo de pesquisa Jornalismo Ambiental manteve-se bastante ativo, inclusive durante o período mais crítico da pandemia:

Mesmo durante a pandemia, seguimos em plena atividade: em 2020, publicamos o minimanual “Cobertura jornalística das mudanças climáticas” em parceria com o Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo (UFSM) e o Grupo de Investigación Mediación Dialéctica de la Comunicación Social da Universidad Complutense de Madrid (MDCS, Espanha), com participação da jornalista Sônia Bridi no evento virtual de lançamento; organizamos o evento virtual “A Amazônia e os povos indígenas na comunicação das mudanças climáticas” em 2021, em parceria com o Grupo de Pesquisa Estrutura, História e Conteúdo da Comunicação (GREHCCO) da Universidade de Sevilha, da Espanha; em 2022, realizamos a quinta edição do ENPJA também de forma virtual; e trabalhamos na pesquisa “Jornalismo e Engajamento Climático” em parceria com o Instituto Modifica.

Pelo fato de ser certificado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o grupo, particularmente neste momento de tragédia climática no Estado, tem atuado de maneira intensa para debater o tema mudanças climáticas, com participação louvável de suas líderes e dos demais membros do grupo. Ele já vinha, há algum tempo, se dedicando a esta temática, a partir de uma perspectiva crítica e, portanto, tem se revestido de autoridade e legitimidade para identificar os responsáveis pela intensidade do impacto causado pelas enchentes e para sugerir soluções para impedir ou reduzir as consequências negativas de novas ocorrências no futuro.

A importância dos grupos de pesquisa fica, nesse caso, plenamente exemplificada quando constatamos a participação efetiva de seus membros junto à sociedade, convocando-a para o enfrentamento dos graves problemas ambientais. O ativismo ambiental constitui fator relevante do processo de conscientização da opinião pública e para o engajamento de segmentos específicos da sociedade civil. Ele favorece a mobilização para o enfrentamento de questões relevantes que estão na pauta da agenda política, econômica e social, como a insegurança alimentar, o impacto das mudanças climáticas, a destruição dos biomas brasileiros e a ameaça constante às comunidades tradicionais.



O ativismo ambiental tem contribuído, decisivamente, para que as políticas públicas na área ambiental estejam, prioritariamente, voltadas, para atender aos interesses dos cidadãos, em oposição aos lobbies empresariais que favorecem os grandes interesses de setores como o agronegócio exportador, que priorizam as monoculturas (soja, milho, eucalipto) em detrimento das culturas alimentares básicas, e também de setores industriais, como que representam as empresas mineradoras, agroquímicas, madeireiras, petrolíferas, de construção civil (barragens, hidroelétricas), dentre outras.

Loose e Belmonte (2023), em artigo que analisa a contribuição do ativismo no jornalismo ambiental como prática que promove o engajamento, destacam a importância deste processo de mobilização, convictos de que ele desmascara e denuncia o discurso hipócrita da objetividade jornalística. Reconhecem que o apelo à objetividade jornalística constitui recurso comumente utilizado para que não sejam explicitados e punidos os verdadeiros responsáveis pelos acidentes, crimes e tragédias ambientais que se sucedem, com cada vez mais frequência, no Brasil e no mundo.

Considerações finais

O estudo empírico realizado comprova a consolidação da pesquisa em jornalismo ambiental no Brasil a partir da constituição de grupos formalmente estabelecidos, particularmente nos centros produtores de conhecimento (universidades em especial), com o objetivo de investigar lacunas e virtudes da cobertura jornalística relativa ao meio ambiente e de definir o interesse dos atores que participam do debate de temas relevantes desta área. Ele explicita os principais temas que frequentam a produção e as atividades desenvolvidas pelos grupos de pesquisa e, particularmente dos seus líderes, que se reportam obrigatoriamente à análise de eventos e fatores críticos, como as mudanças climáticas e a afronta ao desenvolvimento sustentável e à saúde da população.

Ele evidencia a distribuição destes grupos pelas várias regiões do país, destaca o a importância da mobilização de um número significativo de pesquisadores e de estudantes, que promovem, com sua atuação, o fortalecimento de uma massa crítica nessa área. Ao mesmo tempo, revela a significativa contribuição dos grupos de pesquisa para a produção e circulação do conhecimento científico associado ao meio ambiente, bem como a participação expressiva dos seus líderes na formação de novos



pesquisadores e de profissionais comprometidos com a causa ambiental, validando o esforço pelo ativismo ambiental.

Os grupos de pesquisa contribuem, decisivamente, para a formação de uma massa crítica, respaldada em evidências científicas, que qualificam o debate público da pauta ambiental, em particular aqueles temas que se identificam com questões emergentes, como mudanças climáticas, insegurança alimentar, poluição em suas diversas modalidades (água, ar, solo, produção agrícola), desmatamento, provocadas por grupos empresariais ou por queimadas, dentre outras.

É preciso lembrar que muitos líderes dos grupos de pesquisa têm atuação destacada como jornalistas e mesmo como ativistas ambientais, porque são integrantes de redes, de associações e de organizações não governamentais (ONGs) que desempenham papel decisivo na formação da opinião pública. Pressionados pela cobertura jornalística, os parlamentares, os governantes e, inclusive os juízes da Suprema Corte, têm se movimentado para implementar planos, estratégias e legislações para mitigar o impacto das agressões ao meio ambiente e punir os responsáveis, por abusos, por omissão ou pela cumplicidade com os delitos ambientais.

O estudo, ao identificar a contribuição dos líderes e sua ação direta na análise da temática ambiental, bem como por ressaltar a relação estreita entre a pesquisa e o ativismo ambiental, legitima o papel desempenhado pelos grupos de pesquisa, para a formulação de políticas públicas focadas na solução dos problemas ambientais. O diálogo dos grupos de pesquisa em jornalismo ambiental com fontes representativas de outras áreas que produzem conhecimento na temática abrangente do meio ambiente, aumenta a visibilidade das soluções propostas e, mais do que isso, contribui para mobilizar a opinião pública para que estas soluções sejam efetivamente colocadas em prática.

Referências

GIRARDI, I. M. T.; LOOSE, E. B.; CAMANA, A. Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 362-384, 2015.

GOMES, I. M. de A. M.; SANTOS, D. B. dos. Meio Ambiente e aportes teóricos: temática e referenciais de pesquisa em teses e dissertações em Comunicação no Brasil. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. **Anais**



eletrônicos [...] São Paulo: Intercom, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202318135464dd3c123bcea.pdf. Acesso em 20 jun. 2024.

HOLANDA, J. S. P. de; KÄÄPÄ, P.; COSTA, L. M. Jornalismo ambiental: características e interfaces de um campo em construção. **Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, Intercom. v. 45, 2022. DOI: 10.1590/1809-58442022109pt. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3858>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOOSE, H. B. BELMONTE, R. V. O ativismo no jornalismo ambiental: como quatro momentos-chave ajudaram a configurar uma prática engajada no Brasil. **Brazilian Journalism Research**. São Paulo, v. 19, n. 3, 2023. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1594/1500>. Acesso em: 20 jun. 2024

PEZZULLO, P. C. Environment. In: CLOUD, D. (ed.). **Oxford Research encyclopaedia of communication and critical studies**. Oxford: Oxford University Press, 2017



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.